



### CANAL DO MANGUE

**A** PALAVRA “mangue” significa uma planta da família das mirtáceas — a “Eugênia Nítida”. Por extensão, passou-se a chamar “mangue” a todo o alagadiço em que vegeta essa planta.

No Rio de Janeiro, deu-se o nome de Mangue ao imenso pântano que se estendia do Rossio Pequeno (depois praça Onze de Junho) para cima.

Desde o tempo de D. João VI, houve a idéia de se abrir um canal através dêste vasto brejal, até à antiga praia Formosa, para sanear um pouco essa zona, que era um foco de infecção de mosquitos e de exalações desagradáveis. Mas nada se fez: construiu-se unicamente um longo e estreito atêrro para passagem das carruagens do monarca e dos fidalgo, que, com frequência, se dirigiam ao Paço Real, na Quinta da Boa-Vista, em São Cristóvão.



Por êsse caminho, que se chamou "do Aterrado", levantou o então Intendente Geral de Polícia, a quem estava afeto o serviço de iluminação da Côte, umas colunas de pedra, distantes 100 passos umas das outras, nas quais foram suspensos grandes lampiões de óleo de baleia. Daí a denominação de Caminho das Lanternas, como, durante muitos anos, ficou conhecida a antiga rua Senador Euzébio, que também se chamou São Pedro da Cidade Nova, por achar o povo que ela não passava de prolongamento da rua que tinha êsse nome na parte antiga da cidade (atual lado par da avenida Presidente Vargas).

Em 1835, resolveu o Governo Imperial acabar com aquela vasta superfície alagada, reduzindo-a a um estreito canal que recebesse as águas pluviais e a dos riachos da redondeza. Só em 1857, porém, isso se realizou: Irenêo Evangelista de Souza (depois Barão e Visconde de Mauá) obteve a concessão para construir, por administração, êsse canal, cuja pedra fundamental foi lançada no dia 21 de janeiro.

Transcorridos três anos, inaugurou-se, a 7 de setembro de 1860, o Canal do Mangue, que custou 1.378 contos de réis, tendo sido as obras dirigidas pelo engenheiro inglês William Gilbert Ginty.

Seu objetivo era, não sòmente secar os terrenos circunvizinhos, como também permitir navegação a pequenas embarcações que trouxessem gêneros até à cidade; mas, no fim de alguns anos, os resíduos da Fábrica de Gás, o lôdo e o cisco obstruíram essa obra, reduzindo-a a um depósito de lama e de imundícies.

Estendia-se o Canal do Mangue do Rossio Pequeno à Ponte do Aterrado (ou "dos Marinheiros", como ficou depois conhecida). Sòmente em 1876 foi completado o seu acabamento, com a colocação de uma comporta junto à ponte, o assentamento do gradil de ferro e a arborização das alamedas marginais, onde foram plantadas cêrca de 700 palmeiras.

Finalmente, no quadriênio do Presidente Rodrigues Alves (1902-1906), o vasto plano de obras do Cáis do Pôrto exigiu o prolongamento do Canal até ao mar. Foi esta uma das grandes realizações do Ministro da Viação, Dr. Lauro Müller, pois acabou com o alagadiço das antigas praias Formosa e dos Lázaros, saneou e tornou utilizável enorme extensão de terra e pôs fim às constantes enchentes provocadas pela inundação dos rios Comprido, Trapicheiro, Maracanã e Joana.

Conforme se sabe, desde os primeiros tempos da fundação da cidade do Rio de Janeiro, estavam seus moradores habituados a utilizar-se dos mangues, fonte inesgotável da natureza, criada para aliviar a miséria da pobreza, pois, com exuberante fecundidade, subministrava, sem trabalho, o marisco das ostras, as moreiras, os caramurús, os carangueijos e sirís, a lenha e madeira para suas choças.